



PRÁTICA DO SLACKLINE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA PIBID

Monica Maria do Carmo Ferreira ¹
João Lucas Ferreira Bonifácio e Silva ²
Wellysson da Silva Pereira Santos ³
Elisangela Batista de Souza ⁴
Magna Sales Barreto ⁵

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Interdisciplinar, com foco na área de Educação Física, e realizado na Escola Técnica Estadual Advogado José Gil Rodrigues, localizada na cidade de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, nos períodos de abril e maio de 2025. A intervenção pedagógica ocorreu com turmas do 1º e 2º ano do ensino médio técnico, tendo como conteúdo norteador as Práticas Corporais de Aventura, conforme o Organizador Curricular de Pernambuco. A fundamentação teórica baseou-se em autores Cássaro (2011), Marinho (2004), Tahara (2013), Mussi (2021), Coletivo de Autores (1992), Freire (1996), entre outros. A proposta consistiu na vivência do slackline, modalidade abordada em dois encontros distintos, com o objetivo de integrar aspectos corporais, cognitivos e sociais dos estudantes. A atividade foi planejada e conduzida pelos licenciandos em parceria com a professora supervisora, proporcionando aos alunos experiências desafiadoras que envolveram equilíbrio, enfrentamento de medos, concentração e cooperação. O slackline revelou-se uma ferramenta pedagógica criativa e eficaz, promovendo aprendizagens significativas no contexto escolar. Apesar das dificuldades iniciais dos alunos, especialmente relacionadas ao equilíbrio e ao medo de participar da atividade, observou-se que a experiência proporcionou reflexões importantes sobre superação pessoal, o foco e o trabalho em equipe. Além disso, a vivência permitiu aos licenciandos refletirem criticamente sobre sua formação docente e a práxis educativa evidenciando a o potencial do PIBID como espaço de construção de saberes voltados à prática docente transformadora.

Palavras-chave: PIBID, educação física escolar, formação docente, slackline, práticas corporais de aventura.

1 Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão - PE, monica.cferreira@ufpe.br;

2 Graduando pelo Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão - PE, joao.lucasbonifacio@ufpe.br;

3 Graduando pelo Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão - PE, wellyson.santos@ufpe.br;

4 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) da Universidade de Pernambuco - UPE - PE, elisangelabatista.souza@upe.br;

5 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - PE, magna.sales@ufpe.br.





INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, tem como objetivo incentivar a vivência prática da docência, contribuindo tanto para a qualificação dos futuros professores quanto para o fortalecimento da educação básica pública. Por meio do programa, licenciandos atuam diretamente em escolas da rede pública, experienciando a realidade da sala de aula promovendo o diálogo entre teoria e prática.

O programa, por meio do subprojeto intitulado *"A produção de saberes interdisciplinares e constituição de profissionalidade docente na perspectiva de uma formação inclusiva no PIBID/UFPE nos cursos de Licenciatura em Educação Física e Pedagogia"*, proporcionou aos licenciandos em educação física experiências concretas e significativas no contexto escolar, mediadas por práticas pedagógicas fundamentadas na práxis educativa e voltadas à construção coletiva do conhecimento.

A experiência descrita neste trabalho ocorreu em uma escola técnica estadual que atende estudantes do ensino médio integrado à educação profissional, distribuídos em turmas numerosas e com perfis socioculturais diversos. Com uma estrutura física que inclui quadra de esportes coberta, materiais esportivos e área aberta, a escola oferece condições favoráveis para o desenvolvimento de práticas corporais diversificadas.

Nesse contexto, os licenciandos em educação física, em colaboração com a professora supervisora, propuseram intervenções pedagógicas alinhadas ao Organizador Curricular de Pernambuco, que valoriza a pluralidade das manifestações corporais. Considerando que o desenvolvimento de planejamentos pedagógicos deve favorecer experiências mediadas de interação, que valorizem a diversidade e estimulem o crescimento pessoal presente e futuro (Currículo de Pernambuco, 2021), a prática do slackline foi proposta com o intuito de integrar diferentes dimensões da aprendizagem — física, emocional e social promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes.

As práticas corporais de aventura, conforme a BNCC (2018), promovem experiências de risco controlado e de contato com a natureza, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, da consciência corporal e do respeito ao meio ambiente. Além desses aspectos, elas também possibilitam a manifestação do elemento lúdico, da liberdade e do prazer,





intensificando mudanças pessoais e sociais. Durante tais atividades, o corpo passa a ser não apenas instrumento de ação, mas também receptor e emissor de informações, despertando novas sensibilidades e permitindo experiências na relação do corpo com o meio (Marinho, 2004).

Nesse mesmo sentido, o slackline pode ser compreendido como uma dessas práticas, pois, além de estimular o equilíbrio, proporciona momentos de interação entre os sujeitos, os objetos e o espaço em que ocorre. Pereira e Maschião (2012) destacam que essa vivência vai além da execução motora, envolvendo processos de construção de habilidades, de aprendizado contínuo e de adaptação, o que reforça seu potencial formativo e educativo.

O slackline, modalidade esportiva que consiste em se equilibrar sobre uma fita elástica presa entre dois pontos fixos, tem conquistado cada vez mais adeptos ao redor do mundo. No Brasil, sua prática se expandiu significativamente, integrando-se ao cotidiano de lazer, principalmente entre os jovens. De acordo com Cássaro (2011), às práticas corporais de aventura vêm se popularizando e ganhando espaço em diversos contextos, inclusive escolares, por seu caráter inovador e atrativo. A escolha do slackline como ferramenta pedagógica está alinhada a esse entendimento.

Para Tahara (2013), a inclusão de conteúdos alternativos às práticas esportivas tradicionais pode despertar maior interesse nos alunos, ao mesmo tempo em que amplia sua compreensão sobre o corpo e o ambiente. Nesse sentido, as práticas corporais de aventura, como o slackline, representam oportunidades de superação, reflexão e interação, favorecendo também a formação de uma consciência ambiental (Armbrust; Silva, 2011).

O relato de experiência constitui um tipo de produção de conhecimento que aborda vivências acadêmicas e/ou profissionais relacionadas aos pilares da formação universitária — ensino, pesquisa e extensão — tendo como principal característica a descrição da intervenção realizada (Mussi et al., 2021). Para além da descrição, a construção desse tipo de estudo é relevante por articular embasamento científico e reflexão crítica (Mussi et al., 2021).

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre uma experiência pedagógica desenvolvida por licenciandos do PIBID nas aulas de Educação Física do ensino médio, envolvendo a prática do slackline como ferramenta de aprendizagem, bem como os processos didáticos utilizados, desde o planejamento das aulas até a vivência com o equipamento e a análise dos resultados finais.



METODOLOGIA

As experiências descritas neste relato foram realizadas na Escola Técnica Estadual Advogado José Gil Rodrigues, de ensino médio profissionalizante, localizada no município de Jaboatão dos Guararapes – PE, nos períodos de 29 de abril de 2025 e 06 de maio de 2025 sob a orientação da professora supervisora docente em educação física, no contexto do Programa PIBID na referida instituição.

Participaram da atividade aproximadamente 25 alunos do 1º ano do ensino médio e 30 alunos do 2º ano do ensino médio, com faixa etária entre 15 e 17 anos. As práticas ocorreram na quadra poliesportiva e no pátio externo da escola, com duração de aproximadamente 50 minutos a aula de cada turma.

A intervenção foi previamente planejada com a colaboração da supervisora, com reuniões presenciais e via plataforma *Google Meet*, leitura do Organizador Curricular Trimestral, documento que orienta o planejamento e a estruturação dos conteúdos, neste caso, para o ensino médio, e por fim a escolha das atividades a serem desenvolvidas. Com o planejamento definido, as intervenções aconteceram em dois encontros.

O desenvolvimento das aulas se deu em etapas:

Aula 1:

1. **Apresentação do conteúdo:** Contextualização das práticas corporais de aventura.
2. **Pesquisa:** Pesquisa em grupo sobre práticas corporais de aventura urbana e na natureza.
3. Exposição e discussão dos resultados da pesquisa pelos grupos.
4. **Vivência prática:** atividade adaptada de equilíbrio como preparação para a prática de slackline.

Aula 2:

1. Recordatório da aula anterior.
2. Orientação e explicação sobre o slackline.
3. Orientações de segurança na realização da atividade.
4. Vivência prática do slackline.
5. Reflexão coletiva em roda de conversa e avaliação.



O objetivo principal da experiência foi promover a vivência de práticas corporais de aventura por meio do slackline, estimulando o equilíbrio, a concentração e a cooperação entre os alunos e refletir sobre como essas práticas podem ser utilizadas como ferramenta de ensino-aprendizagem.

Para registro da experiência, foram utilizadas anotações de campo e registros fotográficos, que possibilitaram documentar o processo e subsidiar a análise reflexiva apresentada neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na 1ª aula, após as devidas orientações, os estudantes foram divididos em grupos e realizaram uma pesquisa utilizando o smartphone sobre as práticas corporais de aventura, investigando seus tipos, características e exemplos. Em seguida, em uma roda de conversa, discutiram os resultados encontrados. Em um segundo momento da aula foi realizada uma vivência prática com dinâmicas de equilíbrio relacionadas ao conteúdo que seria o slackline. Uma corda foi colocada no chão, simulando o slackline, para que os alunos realizassem a travessia, com obstáculos adicionados ao longo do percurso para aumentar o grau de dificuldade, estimulando ainda mais o equilíbrio e a concentração durante o trajeto. Os estudantes também foram orientados com relação a postura correta dos pés, devendo posicioná-los como o “pé de bailarina” (mais recomendado para iniciantes) ou com o pé reto, sempre com os joelhos levemente flexionados, o tronco ereto e os braços abertos lateralmente, a fim de auxiliar no equilíbrio.

Durante a idade escolar o corpo da criança e do adolescente cresce e se define para a vida adulta, nessa faixa etária, a postura se adapta a atividade que está sendo desenvolvida, facilitando tanto a má formação óssea quanto a sua correção postural, podendo adquirir inúmeros vícios de postura que prejudicam o desenvolvimento físico e a produtividade escolar (Menotti, 2018). Dessa maneira, uma das capacidades físicas observadas e que mais sobressaiu na prática foi o equilíbrio, pois está associado à idéia de corpo em postura estável, na qual a manutenção da postura é garantida pela interação sensório-motora (Mann et al. 2009).





Figura 1. Pesquisa em grupos



Figura 2. Atividade de adaptação com equilíbrio



Figura 3. Equilíbrio com obstáculos

Na 2ª aula foi realizada a prática com o equipamento de slackline que foi ancorado entre duas pilastras no pátio da escola, em uma área externa ao lado da quadra e no chão foram colocados tatames para proteção. Junto com a professora supervisora, os estudantes



Embora os alunos estivessem com receio de realizar a prática no início, à medida que experimentavam e recebiam o incentivo da professora e dos colegas, foram se mostrando mais confiantes e dispostos a enfrentar o desafio. Além disso, foi observado um forte espírito de cooperação entre os colegas, que se incentivaram mutuamente, celebrando cada conquista, mesmo as mais simples, como dar alguns passos sem apoio. Essa vivência contribuiu para o desenvolvimento do equilíbrio, da autoconfiança e da socialização, tornando a aula dinâmica e significativa para todos os participantes.



Figura 4. Vivência do Slackline





Figura 4. Vivência do slackline

O nosso corpo deve ser capaz de controlar um desequilíbrio para readquirir o equilíbrio e, dessa forma, somos capazes de nos deslocarmos (Lourenço, 2014). Nesse sentido, as atividades desenvolvidas nos dois dias de intervenção permitiram observar, na prática, como esse processo se manifesta, evidenciando algumas dificuldades dos alunos em relação às capacidades motoras exigidas pelo slackline, sobretudo no que se refere à manutenção e recuperação do equilíbrio. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que muitos adolescentes não possuem o hábito de praticar atividades físicas regularmente, o que acaba comprometendo a execução de movimentos que demandam múltiplas capacidades motoras ou a coordenação de diferentes habilidades simultaneamente.

Outro aspecto observado foi em relação às habilidades emocionais, especialmente o medo que alguns alunos manifestaram ao se depararem com a prática do slackline. A atividade exigia equilíbrio sobre uma fita posicionada a uma determinada altura, o que gerava insegurança em alguns participantes. Além disso, a vergonha de realizar o percurso na frente dos colegas também se mostrou um fator limitante, influenciando diretamente na disposição dos alunos em participar da atividade. Portanto, é de suma importância diante desses desafios o professor motivar o aluno a superar seus medos, criando um ambiente acolhedor para todos.

Para alguns autores, a motivação pode ser entendida como uma espécie de energia que impulsiona o indivíduo em determinada direção, sendo um aspecto interno que leva a pessoa a buscar a realização de algo. Nesse sentido, a motivação é subjetiva e intrínseca ao indivíduo, não sendo possível que o professor motive o aluno de forma direta (Oliveira; Alves, 2005). Assim, o engajamento em uma atividade ocorre pelo prazer que ela proporciona, relacionado



ao interesse próprio e ao valor da atividade em si, e não como um meio para alcançar outros objetivos (Camargo, 2019).

A partir da intervenção e observação das duas aulas, foi possível notar diferenças no comportamento dos alunos em relação ao medo e ao apoio entre colegas. Na turma do 1º ano, os estudantes demonstraram mais receio, mas, em contrapartida, houve um maior apoio mútuo entre eles. Já na turma do 2º ano, o medo foi menos presente, porém o incentivo e a cooperação entre os colegas foram mais discretos. Esses aspectos evidenciam a importância do apoio entre os pares e disposição dos alunos em enfrentar seus medos, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento emocional positivo, fortalecendo suas expectativas e promovendo maior resiliência diante dos desafios propostos.

Além desses aspectos, foi possível observar e compreender que mesmo com medo e falta de aprimoramento em algumas habilidades, principalmente equilíbrio, os alunos conseguiram compreender que o intuito da atividade seria um desafio pessoal, onde cada um deles tinham a oportunidade de desenvolver suas habilidades e superar os medos, além de vivenciar uma modalidade onde a maioria nunca experienciou. Freire (1996), destacou a importância de aceitar seus limites, no entanto devendo estar consciente do esforço necessário para superar os desafios.

Após a vivência com o slackline foi promovida uma roda de conversa com os estudantes. Esse momento teve como objetivo refletir coletivamente sobre as experiências vivenciadas, permitindo que os alunos compartilhassem suas percepções, sensações e dificuldades durante a atividade. Foram discutidos temas como o acesso às práticas corporais de aventura e quem tem oportunidade ou não de vivenciá-las, a superação de limites e do medo, bem como a importância do apoio e da cooperação entre colegas. A professora supervisora contribuiu com questionamentos que relacionaram a travessia no slackline com situações do cotidiano e aspectos da vida pessoal, incentivando os estudantes a perceberem a conexão entre as aprendizagens da aula e suas próprias experiências. Esse acompanhamento das vivências serviu também como base para a avaliação contínua dos estudantes, permitindo observar o engajamento e as reações individuais durante toda a atividade.

Durante as intervenções adotou-se o processo de avaliação formativa, realizada a todo momento das aulas, observando os estudantes e seu envolvimento durante a realização das práticas. Segundo Luckesi (2011), a avaliação formativa é um processo contínuo que





acompanha a aprendizagem dos estudantes, com o intuito de fornecer subsídios para que o professor possa intervir de forma pedagógica, promovendo avanços significativos no processo educativo. Esse tipo de avaliação não se limita apenas à mensuração de resultados finais, mas busca acompanhar e compreender o desenvolvimento dos estudantes ao longo da atividade, valorizando aspectos como o engajamento, a cooperação, a superação de desafios e a construção coletiva do conhecimento.

Nessa perspectiva, tal abordagem se alinha à concepção crítica de educação, segundo a qual “a avaliação do processo ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos” (Coletivo de Autores, 1992).

Assim, a avaliação foi tratada como parte integrante do processo de ensino, contribuindo para a reflexão sobre a prática pedagógica e o aprimoramento das estratégias de ensino-aprendizagem.

Os resultados obtidos com a prática demonstram o potencial do slackline como recurso pedagógico criativo. Para além do desenvolvimento físico, os estudantes refletiram sobre questões socioemocionais. O slackline, também funcionou como uma metáfora para os desafios enfrentados no cotidiano escolar, permitindo que o corpo fosse entendido como espaço de expressão, aprendizagem e superação. Essa vivência evidencia como práticas corporais contextualizadas podem ampliar o significado da Educação Física, alinhando-se às diretrizes do Currículo de Pernambuco, que valorizam experiências problematizadoras e inclusivas.

A orientação curricular nos motivou a refletir sobre nossas práticas e a buscar estratégias que tornassem as atividades mais envolventes e acessíveis. Durante a intervenção, percebemos avanços em nossa formação docente, sobretudo ao enfrentar o desafio de planejar e conduzir uma prática inovadora, e que ao mesmo tempo contemplasse a participação e inclusão de todos os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no âmbito do PIBID, por meio da prática do slackline, evidenciou o potencial dessa modalidade como recurso pedagógico capaz de integrar o





desenvolvimento motor e socioemocional dos estudantes, além de ampliar o repertório de conteúdos da Educação Física escolar. As intervenções possibilitaram não apenas o trabalho de habilidades como equilíbrio, coordenação e concentração, mas também favoreceram reflexões sobre cooperação, superação de medos e incentivo mútuo.

A proposta reafirma a importância de diversificar as práticas corporais no ambiente escolar, de modo a oferecer aos alunos experiências significativas, motivadoras e alinhadas às diretrizes curriculares vigentes. Para os licenciandos, a vivência representou um espaço formativo relevante, fortalecendo a articulação entre teoria e prática e contribuindo para a construção de uma atuação docente mais criativa, inclusiva e consciente do papel da Educação Física na formação integral dos estudantes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela oportunidade de vivenciar experiências enriquecedoras que contribuíram significativamente para nossa formação acadêmica e pessoal. Estendemos nossa gratidão à coordenadora Magna, pelo compromisso, apoio e incentivo constante, e à professora supervisora, Elisângela, da Escola Técnica Estadual Advogado José David Gil Rodrigues, pela orientação atenciosa e parceria durante todo o processo. Nosso reconhecimento também se dirige a todos os colegas e participantes do PIBID, cuja colaboração, troca de saberes e espírito de equipe foram essenciais para o êxito das atividades desenvolvidas.





REFERÊNCIAS

ARMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. A. **Pluralidade cultural:** Os esportes radicais na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 281-300, jan./mar. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CAMARGO, C. A. C. M.; CAMARGO, M. A. F.; SOUZA, V. O. **A importância da motivação no processo ensino-aprendizagem.** *Revista Thema*, v. 16, n. 3, p. 598-606, 2019.

CÁSSARO, E. R. **Atividades de Aventura:** aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá. Monografia (Pós-Graduação) Especialização em Educação Física na Educação Básica da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

KNUPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 27, p. 277-290, jun. 2006.

LOURENÇO, L. B. **Descrição das condições de equilíbrio durante o deslocamento no Slackline:** estudo comparativo entre praticante e iniciante. Monografia (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas. Limeira, Brasil, 2014.





LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MANN, Luana et al. **Equilíbrio corporal e exercícios físicos**: uma revisão sistemática. *Motriz: Revista de Educação Física*, p. 713-722, 2009.

MENOTTI, J.; JUSTIN, E.; BANDEIRA, A.; MENOTTI, L. V.; CORRÊA, P. S.; THOMAZI, C. P. F.; GALVAN, T. C. **A importância da educação postural evitando situações que possam afetar a saúde de crianças e adolescentes em idade escolar**. *Revista Perspectivas em Ciências e Saúde*, v. 3, n. 2, p. 12-23, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PIBID – Apresentação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: agosto 2025.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; ALVES, Paola Biasoli. **Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar**. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 15, n. 31, p. 227-238, ago. 2005.

PEREIRA, D. W; MASCHIÃO, J. M. **Primeiros passos no slackline**. 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd169/primeiros-passos-no-slackline.htm> Acessado em 05 de abril de 2017.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO (Brasil). **Organizador curricular por trimestre – Formação Geral Básica (FGB): Educação Física – Ensino Médio**. Recife: jan. 2025. Disponível em: https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2025/01/Organizador_Curricular_Trimestral_da_FGB_Educacao_Fisica.pdf. Acesso em: dd mmm. aaaa.

TAHARA, Alexander Klein; CARNICELLI FILHO, Sandro. **A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física**. *Arquivos de Ciências do Esporte*, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-66, 2013.

